

APRESENTAÇÃO

Donald J. Trump e a Ascensão Populista

**Embates ideológicos nos EUA e seus desdobramentos e impactos na
conjuntura política internacional**

Organizadores

Ariel Finguerut

Doutor em Ciência Política pela Unicamp, mestre em sociologia pela UNESP (campus de Araraquara), pesquisador do Grupo de Trabalho Oriente Médio e Mundo Muçulmano da Universidade de São Paulo (GT OMMM) , e do Projeto Sem Diplomacia – Uma parceria entre o Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais (IEEI) e a Assessoria de Comunicação e Imprensa da Unesp. E-mail: arielfing@gmail.com

Roberto Moll

Possui graduação em História pela Universidade Federal Fluminense (2007), graduação em Relações Internacionais pela Universidade Estácio de Sá (2007), mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense (2010) e doutorado em Relações Internacionais pelo PPGRI San Tiago Dantas (UNESP, UNICAMP, PUC-SP) (2015). Tem experiência na área de História e Relações Internacionais, com ênfase em História das Relações Internacionais; História das Ideias Políticas; História dos Estados Unidos; e História da América Central e Caribe. E-mail: roberto.moll@gmail.com

Este dossiê busca apresentar um balanço do fenômeno Donald Trump, abordando o caráter das políticas internas e externas de seu governo nesses dois últimos anos nos Estados Unidos. Esse projeto de caráter interdisciplinar nasceu dentro das atividades do Projeto Sem Diplomacia, da Universidade Estadual Paulista (UNESP) coordenado pelo professor Dr. Luis Fernando Ayerbe. Inicialmente, começou com os dois organizadores deste dossiê assumindo a tarefa de acompanhar de

forma sistemática as primárias e as eleições nos EUA. Todavia, ao longo de 2017, o projeto cresceu e se aproximou de outros pesquisadores, expandindo a área e a agenda de pesquisa.

Os artigos desse dossiê levantam questões para compreender o fenômeno Donald Trump. Em termos ideológicos, em termos de mobilização política, em termos de política externa – quem ou o que – propõe Donald Trump? Trump é conservador? Populista? Manipula o eleitorado visando ganhar a todo custo?

Propõe uma guinada na política externa se apresentando como um “anti-Obama”? Trump é o início de uma distopia já profetizada por autores como Sinclair Lewis, Aldous Huxley, George Orwell ou Philip Roth?

Para além da canonização e demonização, o homem real, Donald John Trump, é um herdeiro de uma família que fez riqueza no setor imobiliário do Estado de Nova Iorque. Com Cassinos em Atlantic City a arranhas céus em Manhattan, o êxito empreendedor de Trump sempre foi questionável. Trump chegou perto da falência nos anos de 1990. Então, passou a buscar investidores internacionais e a investir em negócios imobiliários em países emergentes, Se reinventou como personalidade midiática, escrevendo livros de autoajuda e apresentando “Reality Shows”.

Ao contrário da imagem que construiu durante a campanha, Trump tem pretensões políticas desde o final dos anos 90. Inicialmente Trump se colocou como um candidato alternativo à polarização entre Democratas e Republicanos. Inclusive, transitou entre os dois partidos. Em grande medida, Trump esteve quase sempre ao lado dos candidatos do Partido Democrata, mas encontrou mais espaço como candidato nas fileiras do Partido Republicano. Trump entrou na disputa como pré-candidato em 2008. Ganhou notoriedade midiática pela sua retórica agressiva e por insistir que Barack Obama não poderia concorrer a Presidência por, supostamente, ter nascido no Quênia.

Sem apoio expressivo desistiu de concorrer logo no início.

Em 2015, Trump se lançou novamente pré-candidato pelo Partido Republicano. Mas, dessa vez, seus ataques agressivos e a retórica politicamente incorreta tiveram como alvo o establishment. Um a um, Trump foi derrubando seus adversários e, com mais de 13 milhões de votos conquistados nas primárias, conseguiu o passe para lançar sua candidatura presidencial pelo partido. Em 2016, numa eleição na qual 42% do eleitorado não compareceu para votar, Trump teve 62,984,825 de votos, quase 3 milhões a menos que Hillary Clinton, adversária do Partido Democrata. Todavia, Trump ganhou as eleições com 306 votos no colégio eleitoral contra 232 de Hillary. Paradoxalmente, Trump teve dificuldade em ganhar em estados muito conservadores como Texas e Utah. Trump foi coroado candidato republicano sem o apoio dos principais políticos e linhas ideológicas do partido, os neoconservadores e os libertários. Teve apoio apenas entre simpatizantes ou ex-articuladores do Tea Party e de uma fração significativa da ala de conservadores religiosos, mas que em maioria preferiam Mike Huckabee, ex-governador do Arkansas e ex-pastor batista e Ted Cruz, senador pelo Texas, evangélico e filho de pastor. A relação entre Trump e a direita religiosa é tema do artigo, *“A eleição de Donald Trump e a reconfiguração da Direita Religiosa estadunidense”*, de Marco de Souza, professor de Sociologia da Educação da

Universidade Federal de Sergipe (UFS), que explora a participação da direita religiosa estadunidense na campanha e nas primeiras decisões do novo presidente. Souza, a partir de uma abordagem da sociologia-histórica, busca desmistificar uma suposta relação direta entre Trump e a direita religiosa, apresentando as contradições e ajustes que tornaram possível uma aliança com muitos limites.

Para fora do Partido Republicano, Trump se intitulou “a voz do povo”. Lançou uma cruzada para pegar de volta o poder das mãos de elites corruptas e “globalistas”. Sem discernir “fatos”, “teorias das conspirações” e “nativismo”, os comícios e eventos de Trump reuniram milicianos, neoconfederados, supremacistas brancos, membros do Klu Klux Klan (KKK) e nazistas. Trump busca a nostalgia como elemento mobilização em nome de uma “retomada” do poder, do Estado, das ideias e da esfera pública. Se apresenta como uma espécie de *outsider* que se apropria de ideias e do espírito de outros tempos. E, ao mesmo tempo, se caracteriza como “o novo” o “não político” “o empresário não convencional”, o “negociador infalível”, uma espécie de herói que resolvera todos os problemas e trará de volta a “excepcionalidade americana”.

Nos termos de seu então assessor especial e estrategista, Stephen K. Bannon, Trump é um nacionalista/populista que luta as Guerras Culturais em diálogo direto com o conservadorismo social. É relativamente

um passo simples e lógico pensar em Trump como um populista na medida em que busca manipular politicamente um grupo, supostamente e artificialmente, homogêneo contra um inimigo mais imaginário que real que bloqueia o retorno ao destino esplendoroso. Este dossiê traz dois artigos que buscam analisar o populismo de Trump. Os textos de Luis Fernando Ayerbe, “*O conservadorismo de Donald Trump no contexto do debate contemporâneo sobre populismo*”, e de Roberto Moll Neto, “*Populista “pero no mucho”: o populismo e Donald Trump*”, buscam discutir a ascensão de Trump e de seu, suposto, caráter populista em diálogo com autores com que estudam e conceituam o populismo na América Latina e nos Estados Unidos. Ayerbe, Professor Titular de História Geral da Universidade Estadual Paulista (UNESP) articula variáveis amplas, como a conjuntura econômica internacional, com o debate da tradição populista. Moll Neto, Professor de História da América da Universidade Federal Fluminense (UFF), analisa as caracterizações, discursos de campanha e as iniciativas políticas de Trump a luz dos debates teóricos acerca do populismo.

O debate da política energética nos EUA das últimas décadas é um campo privilegiado para identificar esse apelo nostálgico com pitadas de populismo. Trump, “comprou” a ideia de defender o carvão como principal fonte de energia, retornando a um cenário anterior a 1861 quando o petróleo despontou. Logo, Trump classificou as “mudanças

climáticas” como “notícias falsas” e “conspiração chinesa” e abandonou o acordo de Paris, confirmando sua agenda patriótica e anti-globalista. A mesma lógica se aplica ao debate sobre as regulações aplicado as Usinas Nucleares. Trump responsabilizou as regulações nucleares em estados tradicionalmente pelo desemprego e por colocar barreiras a grandeza dos Estados Unidos. Trump também sinaliza para uma “diplomacia do petróleo” tal como os EUA tinham no final dos anos de 1920, prometendo “domínio energético”. Retoma a ideia dos anos de 1970 de “independência energética”. E, por fim, promete atuar muitas vezes dentro da “geopolítica do petróleo” como no final dos anos de 1990. De forma semelhante, em termos de política comercial, Trump promete rever e repensar relações comerciais com aliados e parceiros históricos como a China, Canadá e Arábia Saudita. Em suma, pensa as políticas energética e comercial dentro do século XXI apelando para nostalgia não do século XX, mas do século XIX, momento em que o país adotou políticas extremamente protecionistas e alcançou uma prosperidade econômica sem precedentes.

A relação com o “outro”, seja para estabelecer trocas comerciais ou políticas no cenário global, seria uma das principais causas da suposta derrocada dos Estados Unidos, eliminando emprego e empregadores. Esse apelo nostálgico temperado por nativismo e demagogia elevou o êxito de Trump em estados historicamente ligados a movimentos

sindicais e redutos de setores da economia industrial como Michigan, Indiana, West Virginia e Pensilvânia. Este paradoxo revela a crise do pensamento (neo)liberal no Partido Democrata e as dificuldades na estratégia de mobilização dos conservadores no Partido republicano. Desse paradoxo, Trump representa uma agenda que valoriza o poder militar; rejeita as Organizações Internacionais; resgata políticas anti-imigração, racistas e especialmente islamofóbicas. Para Trump, todos aqueles se recusaram a apoiar sua candidatura e seu governo são globalistas e antipatrióticos. Tudo em nome do povo e de uma nação “grande novamente”, com uma retórica incendiária contra a imprensa livre, a oposição e até mesmo contra democracia liberal em senso mais amplo. Neste dossiê, o artigo “*A Ascensão de Donald J. Trump e o embate ideológico nos EUA*”, de Ariel Finguerut, Professor de Relações Internacionais do Centro Universitário SENAC, propõe um estudo sobre a emergência e o alcance do nativismo nos Estados Unidos, inserido nas tradições políticas estadunidenses, a fim de compreender as influências, as características ideológicas e as estratégias eleitorais de Trump. Também olhando para a relação de Trump com o “outro”, o artigo, *Trump e a América Latina: promessas e políticas para Venezuela, Cuba e México*, escrito a seis mãos por Carolina Pedroso, Alfredo Martínez e Marcela Franzoni, pesquisadores do Programa de Pós Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, faz um sobrevoo sobre a relação entre Estados

Unidos e América Latina, mais especificamente, Venezuela, Cuba e México, países que voltaram para os holofotes nos últimos anos.

Donald Trump não tem interesse em se definir talvez porque percebeu que a crise não é só global e não é só do “capitalismo” nos Estados Unidos, mas sim do “homem comum” submerso em medo e de desilusão. Como sinal dos tempos, clássicos distópicos como *1984* de George Orwell e de Sinclair Lewis, *It Can't Happen Here*, de 1935, entraram para todo tipo de listas dos mais vendidos de 2017 em meio aos discursos desse líder autoritário e popular que carrega as tintas na atemorização e em esperanças tortas,

tornando a realidade ainda mais surreal e assustadora. Esse é o tema do artigo, “*Não vai acontecer aqui? Utopia e distopia na Era Trump*”, de Alice Pereira, Professora de Letras do Instituto Federal Fluminense (IFF). Pereira busca discutir o pensamento utópico presente na retórica de Donald Trump e os medos distópicos que sucederam sua eleição. Para isso, faz uma análise do clássico romance de Sinclair Lewis e dos discursos do presidente Trump para discutir os fatores culturais e imaginários que informam a leitura do contexto atual.

Desejamos uma boa leitura.